

## Resenha de livro

**As garotas da fábrica: da aldeia à cidade, numa China em transformação.** Por Leslie Chang. Tradução de Clóvis Marques. 2a. edição, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010, 373 páginas. ISBN 978-85-98078-84-7.

Resenhista:

Katiuscia M. G. Espósito (UNICAMP)  
kgalhera@yahoo.com.br

A história de uma família começa quando uma pessoa sai de casa. Pelo fio condutor que guia o livro, a (i)migração, talvez seja com essa frase a melhor forma de começar a descrever o livro de Leslie T. Chang: “As garotas da fábrica: da aldeia à cidade, numa China em transformação”.

O livro de Chang não faz uma análise profunda das condições de trabalho e relações sociais dentro das fábricas. Longe de ser um demérito, ao optar por desvincular-se desse foco, a autora consegue uma grande proeza: seu livro se dedica não somente às garotas, mas também às fábricas, ao quadro socioeconômico chinês, aos costumes, histórias e comportamentos, enfim, a uma parte importante da China contemporânea.

Leslie T. Chang é uma sino-americana, filha de imigrantes chineses. Graduiu-se na Universidade de Harvard, em História e Literatura Americana, e trabalhou como correspondente do *The Wall Street Journal* em Pequim por dez anos.

A história de sua família é descrita em conjunto com a proposta de seu livro, e é exatamente por esse motivo que tal obra é original: ao desmistificar preceitos e observar a China industrial de perto, sob um olhar parcialmente chinês, e realizar um estudo historiográfico completo da China tradicional comunista pela busca da memória de sua própria família. Mas essa mescla também reserva seus defeitos.

Talvez na reconstituição da história de seus antepassados resida uma crítica fundamental à obra de Chang (ou Zhang, como recentemente se buscou denominar os membros desta família). Mesclar sua história com o objeto de seu livro – as garotas das fábricas da cidade de Dongguan – não convenceu: seria melhor escrever dois livros distintos.

As garotas das fábricas, migrantes obrigatoriamente pobres, saem do campo rumo às cidades em busca de empregos. Ao se voltar à aldeia, Leslie tenta fazer uma aproximação com seus antepassados. Contudo, sua família não tem as características

das meninas que são alvo de sua análise. Seu avô, um patriota que morreu pela nação, estudou nos Estados Unidos (ou na América, como chama a autora), após seu bisavô ter feito fortuna na China. A família da autora, portanto, foi uma espécie de aristocracia chinesa, muito distante das garotas da fábrica que ela busca analisar, sofrendo inclusive repressões por parte dos comunistas, tendo na morte de seu avô o ápice dessa relação. Talvez venha deste fato a escolha metodológica de Leslie Chang, ao não se valer de categorias e conceitos marxistas para sua análise, mesmo sendo ele dedicado à vida ao redor do mundo do trabalho.

Apesar desses apontamentos, de forma alguma elimino a importância de “As garotas da fábrica”. Pelo contrário, Leslie tem o mérito de dar vida, voz e rosto a (algumas) trabalhadoras chinesas. Chang passou três anos na cidade industrial de Dongguan e chegou mesmo a fazer amizades longas com algumas (ex)operárias para desenvolver a narrativa de seu livro, inclusive indo à aldeia de uma delas para passar o ano-novo lunar e conviver com outra por alguns anos. “Eu queria conhecer o mundo das fábricas tal como faziam as migrantes: de baixo para cima e de dentro para fora” (p. 363).

O olhar de Chang, tão próximo da realidade de trabalhadoras comuns, tem, a meu ver, o maior de seu trunfo no livro: aquela massa cinzenta de chineses que assistimos a milhas de distância no conforto de nossos sofás como simples números da ascensão chinesa, aquela menção remota que fazemos às mãos chinesas quando compramos mais um produto *Made in China*, são humanizadas pela descrição atenta e sensível de Chang.

Ao realizar essa humanização-aproximação, é *mister* estabelecer vínculo com operários/as. E, ao optar por aproximar-se de trabalhadoras, questões de gênero emergem, como emancipações – frequentemente tímidas e fugazes – do âmbito da família; relações conjugais e prioridades de gastos. A meu ver, são duas as principais mulheres analisadas em seu livro, dentre todas as que têm dedicação atenta por Leslie Chang: Lu Qingmin e Wu Chunming.

Qingmin, carinhosamente chamada de Min pela autora, é uma menina pobre, como tantas outras migrantes no país, que arruma uma carteira de identidade falsa para começar a trabalhar em uma das fábricas da cidade, pois era menor de idade à época (deve-se completar 18 anos para começar a trabalhar nas fábricas). O brilho de Min, e que a faz se destacar da multidão, é a sua audácia, característica relativamente nova na sociedade chinesa, principalmente se considerarmos os costumes nas aldeias, seu local

de origem. Contrariar recomendação dos pais, isto é, continuar trabalhando na mesma fábrica, mesmo que isso signifique receber 300 iunes por mês (o equivalente a 36 dólares) e passar a ganhar mais como *white colar*, por exemplo, exigiu bastante audácia e iniciativa.

Chunming, por sua vez, apesar de ter a mesma origem pobre e rural de Min, traçou um caminho bastante distinto da primeira. Também começou em uma fábrica, de brinquedos, quase foi levada para um bordel, ascendeu à posição de gerência e, depois, ganhou algum dinheiro vendendo remédios tibetanos e lotes de cemitérios, antes de trabalhar com jornalismo de extorsão (vendas de notícias de jornais). Chunming foi abraçando projetos até alcançar um padrão de vida relativamente alto, para despencar novamente, em parte devido às teias que o próprio destino lhe traçou.

No fundo, tanto Min quanto Chunming são exemplos sintomáticos de mudança das relações de trabalho e, conseqüentemente, nas relações de gênero, familiares e comunitárias no seio da sociedade chinesa.

É a solidão que une tantas histórias ao longo da obra de Chang e o elo que lhe confere coerência. Essa solidão, ainda que transborde para todos os campos das relações sociais, é outro mote do livro. Chunming (p. 47) ilustra:

Quando fui demitida da Yongtong, [...] fiquei um pouco preocupada, pois afinal de contas nem uma carteira de identidade eu tinha. Sem alternativa, só me restava pegar a carteira de identidade que dizia que eu nascera em 1969 e tentar a sorte [...].

Desde que cheguei a Guangdong, mudei de fábrica quatro ou cinco vezes, e cada uma delas era melhor que a anterior. O mais importante é que eu sempre contava comigo mesma. Nunca pedi ajuda de ninguém[...]. Lembro-me de quando fugi de Shenzhen. Naquela época, eu realmente não tinha nada. Além da minha própria pessoa, nada mais. Vaguei por aí por um mês, sem nenhum tostão, chegando até a passar fome por dois dias, e ninguém ficou sabendo... [...] Muitas vezes eu quis poder contar com os outros, mas não se pode contar com ninguém. A gente só conta com a gente mesma.

Sim, eu só posso contar comigo mesma.

Quanto às condições de trabalho nas fábricas, muitos dos apontamentos realizados por Chang, segundo a sua experiência *in loco*, corroboram a visão ocidental das condições nas fábricas. Porém, tantos outros apontamentos quebram paradigmas dominantes: é verdade que os chineses frequentemente trabalham mais de 10 horas por dia com folgas apenas nos domingos. Contudo, existem fábricas mais “legalistas”, que possuem turnos de 8 horas por dia e folgas cumpridas (de acordo com a autora, essas fábricas não eram as preferidas dos trabalhadores, tendo em vista que não pagavam tantas horas extras).

No outro espectro, existem as fábricas que possuem turnos superiores às 10 horas, com folgas apenas duas vezes no mês, descontadas dos trabalhadores.

As trabalhadoras, na narrativa de Leslie Chang, parecem menos “fadadas” a seus postos de trabalho do que julgamos: mesmo que ainda exista muita pobreza nas aldeias, muitas garotas acabam deixando as fábricas para se casarem ou simplesmente abandonam seus postos de trabalho quando conseguem um emprego que pague melhor ou ofereça melhores condições e status. Além disso, são os primogênitos homens os preferidos e protegidos pelos pais, de modo que a mão de obra migrante é predominantemente feminina: em Dongguan, esta mão de obra era de aproximadamente 70%. Além disso, uma vez que conheciam as cidades, as meninas tinham bastante dificuldade em voltar às aldeias.

*Mamu*, ou o fato de que a linha de montagem deixa os trabalhadores ignorantes e estupidificados (p. 158), demonstra claramente a consciência destes trabalhadores com relação aos seus postos de trabalho. As operárias mentem – e mentem muito – para conseguir um emprego e, depois, ascender na carreira: diploma, experiência e idade são os principais itens. Por fim, é característica de empregadores chineses solicitarem atributos físicos dos candidatos, principalmente a estatura.

“As garotas da fábrica” é bem escrito e tem um estilo de narrativa fluido, de fácil compreensão. Percebe-se claramente a riqueza e o aprofundamento dos dados, a pesquisa original, o conhecimento da autora sobre a China. Recomendo-o a todos os leitores interessados, não apenas em aspectos ligados à Sociologia do Trabalho e aos estudos de Gênero (que foram os que me levaram a lê-lo), mas também aos interessados nos demais aspectos da China contemporânea.